



ALBERTINA, A MULHER INVENTADA POR EUCLIDES NETO: CAMPONESA, NEGRA, DESUMANIZADA E SUBVERSIVA!

Jussira de Jesus Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: jussira_oliveira@hotmail.com

Márcia Santos Lemos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: marcialemos.uesb@gmail.com

610

INTRODUÇÃO

A enxada e a mulher que venceu o próprio destino é um romance publicado no ano de 1996, de autoria do escritor Euclides José Teixeira Neto, doravante Euclides Neto. No romance, o autor traz a personagem Albertina como protagonista. Trata-se de uma mulher preta, pobre, trabalhadora, mãe de vários filhos, abandonada pelo marido e “escorraçada” da cidade. Identificamos nela uma mulher forte, corajosa, independente, determinada e livre.

Buscamos discutir, a partir da análise do romance, como Albertina é apresentada na narrativa, qual a sua relação com a terra e, como esta traz a sua emancipação. A pesquisa concentrou-se em investigar como o autor construiu sua personagem feminina de modo a verificar se ele reforça os estereótipos patriarcais, sócio-historicamente produzidos na formação social brasileira, rompe ou ressignifica.

Nessa perspectiva, discutimos a formação do Brasil patriarcal, racista e capitalista, observando as determinações que consubstanciadas produzem a exploração e a opressão das mulheres, tanto quanto impactam a produção de Euclides Neto. No sentido de ampliar a compreensão sobre o romance utilizamos a Crítica feminista. Conforme Xavier, (1999, p. 16), “a crítica feminista, hoje academicamente reconhecida, se apresenta como possibilidade de desconstrução de leituras consagradas, apontando para a necessidade de um processo revisionista da historiografia literária”, acrescentando que “à crítica feminista compete, portanto, interferir no estabelecido, questionando hierarquias, valores, enfim, o tão prolapado cânone, para uma revisão mais justa daqueles textos, visando a inseri-los na historiografia literária” (XAVIER, (1999, p. 20). Por isso, entendemos que a teoria mencionada corroborou substancialmente com a finalidade desse estudo.



A bibliografia consultada está disponível e acessível, ainda que a produção sobre Euclides Neto seja restrita. Destacamos aqui, especificamente, algumas pesquisas desenvolvidas a respeito do romance *A enxada*. Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo (2012), com seu artigo intitulado *Euclides Neto, a ficção entre cacauzeiros e umbuzeiros*, fez um estudo comparativo entre as obras *Os magros* (1961) e *A enxada* (1996) do autor. Desfez “a dicotomia entre a ficção e a realidade”. Rita Lírio de Oliveira (2018), com a tese *Rasuras grapiúnas: linguagem, memória, história e gênero na obra de Euclides Neto*, investigou “os elementos de linguagem, memória, história, gênero, classe, ruralidade e poder”, nas obras *O Patrão* (1978 [2013b]), *Os Magros* (1992 [2014a]), *Machombongo* (1986 [2014b]) e *A enxada* (1996). Por fim, Albione Souza Silva (2019), com a dissertação *Os despossuídos da terra: conflitos sociais no campo e representações dos trabalhadores rurais na produção intelectual de Euclides Neto (1946-1996)*, analisou os romances *Birimbau* (1946), *Os Magros* (1961), *O patrão* (1978) e *A Enxada* (1996) de Euclides Neto e a sua trajetória política e intelectual.

611

Ressaltamos que nas pesquisas citadas, os autores empregam algumas categorias que também utilizamos, mas nenhum destaca especificamente a personagem Albertina. A constante necessidade de pensar e problematizar a maneira como as mulheres são representadas nos mais diferentes espaços, inclusive na literatura, destaca a importância desse tipo de estudo, pois, conforme enuncia Saffioti (1987, p.11), “a história oficial pouco ou nada registra da ação feminina no devenir histórico”.

Para desenvolver a pesquisa, recorreremos a epistemologia marxista. Segundo Saffioti, (2015, p. 46; 48), o patriarcado é “um regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens”, que “não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo”. Saffioti caracteriza o patriarcado afirmando que:

Não se trata de uma relação privada, mas civil; dá direitos sexuais aos homens sobre a mulher, praticamente sem restrição [...]; configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade; tem uma base material; corporifica-se; representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência. (SAFFIOTI, 2015, p. 59).

Essa sistematização teórica, cotejada com as ideias de Euclides Neto sobre Albertina, permite analisar como o autor se posiciona diante da sociedade patriarcal brasileira e das contradições econômicas que determinam as mulheres negras e pobres.



METODLOGIA

Para análise da fonte é empregado o estruturalismo genético da literatura a partir da referência de Lucien Goldmann. Segundo Michael Löwy (1986), estudioso de Goldmann, o estruturalismo genético pode ser considerado:

[...] um método que procura analisar totalidades estruturadas, e que procura observar qual é a dialética entre o todo e as partes, entendendo que é impossível compreender a totalidade sem a articulação das suas partes, sem perceber o lugar que elas ocupam nas relações que constituem a estrutura total. (LÖWI, 1986, p. 3).

Para o sociólogo, as estruturas são móveis, são maleáveis e dinâmicas. Para entendermos melhor, Goldmann (1979, p.73), explica da seguinte maneira: o “elemento essencial no estudo da criação literária reside no fato de que a literatura e a filosofia são, em planos diferentes, expressões de uma visão do mundo e que as visões do mundo não são fatos individuais, mas sim atos sociais”. Ainda segundo Goldmann (1979, p.76), só é possível “explicar, através de uma análise estética imanente, a significação objetiva da obra, significação que é a única que ele pode, em seguida, tentar relacionar com os fatores econômicos, sociais e culturais da época”. Essa metodologia, inspirado no Materialismo Histórico de Karl Max, é dividida em cinco categorias, a saber: totalidade; estrutura englobante; estrutura significativa; visão de mundo e grupo social ou sujeito transindividual.

O método de Lucien Goldmann articula compreensão e explicação. Segundo Cardoso, (1997, p. 29), a compreensão “consiste na descoberta de uma estrutura significativa imanente à obra em estudo”. A grosso modo, é o estudo interno da obra, o eixo narrativo. Sobre a explicação, é a estrutura maior, a englobante. Para Cardoso, (1997, p. 29), “o pesquisador só precisa explorar na medida necessária para tornar inteligível a gênese da obra analisada”.

Para aplicar o método de Goldmann, coube-nos a leitura sobre a totalidade histórica da formação social brasileira, a leitura do romance de Euclides Neto, o estudo imanente do texto com leituras, fichamentos da obra e definição das categorias de análise, a saber: mulher, negra, camponesa, desumanizada e subversiva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Três sistemas de opressão são citados por Saffioti: patriarcado (aqui já citado), capitalismo e racismo. O capitalismo, segundo Saffioti (1987, p.41), “é um sistema de



produção baseado na exploração da mão-de-obra assalariada, com o auxílio de tecnologia crescentemente sofisticada”. Sobre o racismo, utilizamos os estudos produzidos por Sílvia de Almeida (2019). O racismo estrutural tem relação direta com o processo de subalternização das mulheres, em especial das negras. Almeida (2029, p. 18), afirma que “por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico”.

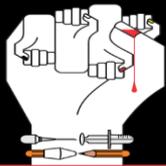
Foi possível identificar no romance de Euclides Neto, todos esses sistemas de opressão, dominação e exploração citados por Saffioti. Observamos um marido que aparece uma única vez, denotando o típico comportamento patriarcal na ausência de cuidado com a prole. Albertina, como trabalhadora do serviço doméstico, tem sua força de trabalho expropriada, além de ser humilhada pelos patrões. Por fim, o racismo institucional praticado pelo estado contra os filhos de Albertina: “Até que a polícia levou os dois meninos para a delegacia e os descascou no bolo. [...] Apolinário e João chegaram em casa com as mãos inchadas de carecer água e sal. Os olhos fechados de tanto bofetão malvado” (NETO, 1996, p. 8-9).

A Crítica Feminista, auxilia a problematizar o discurso hegemônico das produções masculinas e traz uma nova perspectiva literária, onde as mulheres atuam como agentes dentro do processo político, social e cultural. Discute a forma opressora como as mulheres são representadas na literatura de escrita masculina. Desse modo, a Crítica feminista também possibilita perscrutar a literatura de autoria masculina, na qual, geralmente, aparecem mulheres estereotipadas a partir de valores e marcadores patriarcais.

Nesse sentido, com a metodologia e as categorias propostas, foi possível identificar que Euclides Neto provoca o leitor, apresentando, no primeiro momento, valores e marcadores praticados pela sociedade patriarcal, muitas vezes, desumanizando Albertina, atribuindo-lhe características animais. Posteriormente, surpreende, ao atribuir a essa mulher uma grande força e a capacidade de transformação do seu próprio destino, desafiando assim, os sistemas de exploração e opressão.

CONCLUSÕES

Por fim, com esta pesquisa, chegamos a conclusão que Euclides Neto reproduz em seu romance, as determinações da formação social brasileira, mas, ainda assim, a contradição está presente na narrativa do autor, que destaca a personagem da mulher camponesa, negra, desumanizada e subversiva, enquanto sujeita social ativa,



responsável pela reprodução da sua vida e da sua prole, não submetida ao “poder do macho” e sexualmente emancipada.

PALAVRAS-CHAVE: Euclides Neto. A enxada. Mulheres negras. Formação social brasileira. Crítica feminista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luis de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *História e Análise de textos*. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Domínios da História. São Paulo: Papyrus, 1997. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

EUCLIDES NETO. *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino*. Editora Littera, São Paulo, 1996, p. 01-165.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

MARCELO, Ana Sayonara F. B. Euclides Neto. *A ficção tecida entre cacauzeiros e umbuzeiros*. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/133>. Acessado em: 09/04/2021.

OLIVEIRA, Rita Lírio de. *RASURAS GRAPIÚNAS: linguagem, memória, história e gênero na obra de Euclides Neto*. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27537/1/TESE%20FINAL%20-%20c3%baltima%20corrigida%20%282%29.pdf>. Acessado em: 09/04/2022.

LOWY, Michael. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.
SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2015.

SILVA, Albione Souza. *Os despossuídos da terra: conflitos sociais no campo e representações dos trabalhadores rurais na produção intelectual de Euclides Neto (1946-1996)*. Disponível em: <http://www.poshistoria.uneb.br/wp-content/uploads/2019/10/2019-Albione-Souza-Silva.pdf>. Acessado em: 12/05/2022.

XAVIER, Elódia. *Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória*. Disponível em: <https://litcult.net/2012/11/06/narrativa-de-autoria-feminina-na-literatura-brasileira-as-marcas-da-trajetoria/>. Acessado em: 16/09/2020.